

#### QUARTA DECLINAÇÃO

A quarta declinação é constituída de nomes masculinos, femininos e neutros, todos de tema terminado em -u : fructus, manus, cornu. Não contém adjetivos, exceto um, composto de manus, empregado por Lucrécio: anquimanus (Bar. Nat., II, 537; V, 1303). Com efeito, os adjetivos de tema em -u, numerosos no indo-europeu, passaram em latim ou para o tema em -i- : \*suadu-s) suavis através de \*suadu-is; ou para o tema em -o-/-e- : \*dusu-a) densus (cf. gr. δασύς).

Os <sup>nomes</sup> de tema em -u sofreram a influência flexional dos da segunda e terceira declinação. Como a primeira se identifica com a segunda com relação às flexões, consistindo a diferença apenas no tema, o mesmo se pode dizer da quarta com referência à terceira, principalmente nos temas sonanticos. As suas desinências são semelhantes, excluídas as particularidades que um e outro nome apresentem.

#### SINGULAR

|                        |               |
|------------------------|---------------|
| N. <u>manū-s</u>       | <u>manūs</u>  |
| V. <u>manū-s</u>       | <u>manūe</u>  |
| A. <u>manū</u>         | <u>manūs</u>  |
| G. *manoy-s (*-eu-s)   | <u>manuum</u> |
| D. *manoy-ei (*-eu-ei) | <u>manūi</u>  |
| Ab. *manū-d            | <u>manūi</u>  |

#### MASCULINOS E FEMININOS

NOMINATIVO - A desinência deste caso é -s, que se liga à vogal temática -u, donde o final -us. A identidade de terminação com o nominativo da segunda foi causa de que muitos nomes desta declinação admitissem, a par das flexões próprias, as do tema em -o-/-e- : armatus, us e i, castus, us e i, exercitus, us e i, fructus, us e i, genitus, us e i, luctus, us e i, partus, us e i, salus, us e i, senatus, us e i, sonitus, us e i, tumultus, us e i. Para isso devem ter concorrido também nomes do tipo domus, que desde o indo-europeu possuíam dois temas: um em -u, outro em -o-/-e-.

VOCATIVO - Tem a mesma desinência do nominativo.

ACUSATIVO - A desinência do acusativo é -u, que se une à vogal temática -u, donde -uu, terminação idêntica às do acusativo da segunda declinação.

GENITIVO - O final -us deste caso resulta de \*-ous, \*ūs, em que a desinência -s se liga a um antigo ditongo \*-ou, \*eu- (cf. osco castrous "cãdi", uabro trifor, de \*tribous, "tribus"). Deve ser aféctal a forma domos, usada por Augusto, segundo o testemunho de Suetônio. (Aug., 37). O -i- de -ūs é atestado pela grafia -ui- : conuentus (C.I.L., II, 2/16). Assim aparece êle também representado em manuscritos de Plínio Sênior. Numa inscrição arcaica, encontra-se um genitivo em -os: senatus (C.I.L., I, 501), que também se acha

doce entado no falisco: de genatuo genentiaa, com queda do -g. (C.I.L., I, 365). Em alguns autores antigos, aparece um genitivo em -gis: gavis em Terêncio (Terent., 207), fructus em Varrão (Lex. Rust., I, 2, 19). Segundo Aulo Gélcio, assim falavam e escreviam Varrão e Egrício Nígulo. (Lex. Rust. Att., I, 4, 16). Resulta essa forma provavelmente do cruzamento do genitivo da quarta (-ūs) com o da terceira declinação (-is). Pouco aceitável é a opinião de de que o genitivo em -gis é uma continuação do indo-europeu \*-u-ēs.

**DATIVO** - O sinal do dativo é -ū, em que -u- representa um antigo ditongo \*-ou-, \*-ou-, e -ū a desinência itálica \*-oi. Na língua arcaica, há vestígios da existência desse -oi: genatuei (C.I.L., I, 526). Às vezes se encontra, sobretudo em poesia, um dativo em -u por -ū: aru (Luc., 230), visu (Lucr., Lex. Rust., V, 101), curru (Verg., n., III, 541), flatu (Lucan., X, 245). Diz Aulo Gélcio que essa era a forma recomendada por César em seu tratado de analogia (Rust. Att., IV, XVI), o que parece estar em desacôrdo com os muitos exemplos de -ū, que nos depara esse autor em suas obras. Já se tem procurado explicar o dativo em -ū como um antigo locativo, mas essa explicação apresenta dificuldade fonética e semântica. É muito provável que se trate de uma criação analógica, para a qual teriam servido de modelo *noxi* e *lupō*.

**RELATIVO** - A desinência era -i, proveniente da analogia com a dos temas em -i- / -e-. A queda do -i da terminação -iū se explica por ser longa a vogal precedente, e oporou-se até pelo século III a. C. Há vestígios da conservação do -i em antigas inscrições: cestuū (C.I.L., I, 360). Uma prova indireta do mesmo fato é *magistratuū* no S. C. das Lacanais, onde o parece indicar um erro do gravador por -i. (C.I.L., I, 501).

#### PLURAL

|                        |                                      |
|------------------------|--------------------------------------|
| H. *nanou-ēs (*-ou-ēs) | nanūs (Por analogia com o acusativo) |
| I. *nanou-ēs (*-ou-ēs) | nanūs                                |
| A. *nanu-ns            | nanūs                                |
| C. *nanu-ŋi (-oi)      | nanūm                                |
| D. *nanu-ŋhos          | nanibus                              |
| B. *nanu-ŋhos          | nanibus                              |

#### MASCULINO E FEMININO

**NOMINATIVO** - A terminação do nominativo devia ser \*-nis, resultante de um antigo \*-ou, \*-ou, e da desinência -ēs (cf. gr. \*σ \* I ε f- ε s y o h i s, i). O sinal -ūs provém da analogia com o acusativo, a exemplo do nominativo -ēs dos temas consonânticos da terceira declinação. Em algumas inscrições, o -ū aparece grafado -ui: magistratuū (C.I.L., I, 360), arcuū (C.I.L., I, 365).

**VOCATIVO** - Tem o mesmo sinal do nominativo.

**ACUSATIVO** - A desinência deste caso é \*nis, que se une à vogal tônica final, como \*nis. Há o -u- antes de -n, acarretando o alongamento do consonântico da vogal precede

dente. Era, pois, diferentes, a princípio, o nominativo e o vocativo. A identidade entre ambos é fato recente.

GENITIVO - A desinência do genitivo é *-um*, proveniente de *\*-om*, *\*-om*, que se ligou à vogal final do tema, dando *-om*, na poesia, apareceram formas contractas em *-um*, certamente ditadas pela necessidade métrica: *passum* (Fl., *Ann.*, 177), *cursum* (V. rg., *En.*, VI, 653), *negum* (V. rg., *En.*, VII, 490). Ernout justifica o fato não como fenômeno fonético, mas por analogia: "Estes genitivos, diz, são análogos dos em *-um* dos temas em *-o/-u-*: *portum*, etc., podem ter sido formados sobre *portum*, segundo o tipo *regum*: *regibus*" (*Morphol. Hist. du Latin*, p. 66).

DATIVO-ABLATIVO - A desinência dos casos *-ibus*, derivado de *\*-ibhas*, que se uniu à vogal tônica final, dando *-ibus*. Segundo Quintiliano (*Inst. Orat.*, I, 4, 3), tinha o *-y-* um son intermediário entre *-y-* e *-i-*, o que justificava a vacilação, em todo o período republicano, entre *-ibus* e *-ibus*. Finalmente se impôs a última das duas formas que se generalizou principalmente durante o império. O final *-ibus*, no entanto, resistiu em algumas palavras, como *arcus*, *gurgens*, *specus*, *lacus*, *tribus*: *arcibus*, *gurgibus*, *specibus*, *lacibus*, *tribibus*. Doutrinam os gramáticos latinos que se d. v. usar *arcibus* (*arcus*), *artibus* (*artus*) e *partibus* (*partus*) para evitar confusão com *arcibus* (*ars*), *artibus* (*ars*) e *partibus* (*pars*): "Retivus et ablativus pluralis quarta declinationis est e nominativo singulari artate u in á. et int. posita "bu", ut "hic sanatus" "hic et ab his sanatus", "hanc manus his et ab his regibus". Est autem quando differentia cause servat u, ut "artus artibus", "partus partibus", "arcus arcibus". (*Petrus*, II, 364, 21). Com alguns nomes podem ser usadas uma e outra terminação: *portibus* ou *portibus*, *veribus* e *veribus*.

NOMES NEUTROS. Singular. Os nomes neutros desta declinação não têm desinência no nominativo, vocativo e acusativo do singular, mas apresentam a vogal tônica longa, ao contrário do grego (gr. *ὄνομα*). Além, seja dito de passagem, não há acordo entre gramáticos latinos nesse ponto. Assim, Prisciano (*Gr. Lat.*, II, 362 K), baseado em razões métricas, sustenta que é longa, mas é contraditado por outros. (Ver *Diap.*, I, 308; *Pomp.*, V, 155). Dada a escassez de exemplos de tema em *-u* e o pouco espaço do nominativo no verso, torna-se difícil apurar se a verdade era longa ou breve esse *-u* final. Em alguns casos poéticos, pode-se explicar a quantidade longa da vogal tônica por licença poética. A origem desse *-u* talvez se encontre no *-u* que indicava o coletivo plural indo-europeu (*\*-u*) e que se distingue do *-u* singular (*\*-u*). Ernout esprega a opinião de que esse final era "indiferentemente breve ou longo". (*Morphol. Hist. du Lat.*, p. 65).

Como os masculinos e femininos, os neutros contravam a mesma tendência para admitir as flexões dos nomes de tema em *-o/-u-*: *coram*, *re* e *coram*, *á*, *á*, *re* e *coluam*, *á*, *á*, *re* e *coluam*, *á*, *á*, *re* e *coluam*, *á*.

As terminações do genitivo e dativo do singular *um*, e respectivamente, na época clássica, *-um* e *-um*, idênticas às dos nomes masculinos e femininos, a partir de Tito Lívio

vir, entretanto, *-gī* se contraí em *-gē*. O genitivo resistiu mais algum tempo, para depois, finalmente, reduzir-se também a *-gē*, não obstante o ensino conservador dos gramáticos. (Ver G. L., III, 293 R). Assim, os neutros tornaram-se invariáveis em Latim, no singular.

**PLURAL.** A desinência do nominativo, vocativo e acusativo do plural é *-ā*, resultante da analogia com os neutros de tema em *-g-* / *-g-*. Da quantidade do *-g-* já se falou em outro lugar. A par de *ogga*, de *ag*, *ogga*, encontra-se a forma *oggia*, que faz supor a existência de um primitivo *\*oggi* ou uma criação analógica, segundo o modelo *gognu*, *gognu*. Os outros casos não apresentam de particular.

**DECLINAÇÃO DE DOMUS.** - Desde o indo-europeu, tinha esta palavra dois temas; um em *-p-* / *-g-*, outro em *-g-*. Isso justifica a dualidade de formas na sua declinação. Assim, ora do *og* toma as flexões da segunda ora da quarta declinação. Entretanto, convém frisar que não é usada em todas as formas da segunda.

| SINGULAR       | PLURAL          |
|----------------|-----------------|
| N. domus       | domūs           |
| V. domus       | domūs           |
| A. domus       | domōs, domūs    |
| G. domī, domūs | domōrum, domunū |
| D. domō, domū  | domibus         |
| Ab. domō, domū | domibus         |
| I. domī        | domibus         |

Segundo Linout, as formas da segunda declinação *domī*, *domō*, no singular, e *domūs*, *domū*, no plural, são as mais antigas e as mais frequentemente empregadas. " (Ver *Lexical. Hist. da Lat.*, p. 66, nota).

QUINTA DECLINAÇÃO

A quinta declinação é constituída de substantivos de tema em -ê-. Como a primeira, não contém neutro. Compreende nomes de origem diversa: a) substantivos abstratos, de sufixo em -iê- e -it-iê-: sciêns, faciêns, avaritiâs, caritiâs; b) palavras raízes que, em consequência da analogia ou da ação fonética, se incorporam a esta declinação, cada a identidade de terminação do nominativo: diês, nês; c) antigos substantivos de tema sigmático, pelo mesmo motivo anterior: spēs (cf. spēs-are), fidēs (cf. fiduatus), plebēs (cf. gr. n. πληθος) que originariamente devia ser terceira declinação plebēs, iā, de que saiu a forma sincopada plebs, iā; d) substantivos de tema em -i-, mas de nominativo em -ês, o que favoreceu a sua penetração no quadro dos nomes de tema em -ê-: lanês, labês, ribês, lobês. Dentre estes convém destacar quiês (\*quieti-s), que aparece no composto requiês: requiem, requief, requiê.

Os sufixos -iê- e -it-iê- alternam com -ia- e -it-ia-, donde as formas duplas: avaritiês e avaritia, caritiês e caritia, barbariês e barbaria, blanditiês e blanditia, duritiês e duritia, efficiêns e efficia, luxuriês e luxuria, materiês e materia, molliêtis e mollietia, munditiês e munditia, segnitiês e segnitia.

Todos os nomes desta declinação são do gênero feminino, exceto diês e seu composto meritiês, que são masculinos. Diês, contudo, admite o gênero feminino no singular, talvez por influência de nox ou tempesta.

A quinta declinação é peculiarmente itálica, embora tenha a sua base no indo-europeu. A ação fonética foi gradativamente perturbada pelos efeitos da analogia. Por isso, dispensamo-nos de trazer um quadro comparativo das formas originárias e derivadas, o que seria de pouco interêsse ou mesmo inútil.

SINGULAR

|                              |                           |
|------------------------------|---------------------------|
| N. <u>diês</u>               | <u>diês</u>               |
| V. <u>diês</u>               | <u>diês</u>               |
| A. <u>diem</u>               | <u>diem</u>               |
| G. <u>diēi</u> , <u>diēi</u> | <u>diēi</u> , <u>diēi</u> |
| D. <u>diēi</u>               | <u>diēi</u>               |
| Ab. <u>diē</u>               | <u>diē</u>                |

NOMINATIVO - A distinção deste caso é -s: faciêns, luxuriês. Diês não se deriva de \*diēns, apesar da opinião de Barner ( Englisch, p. 296 ) e outros, mas de uma forma refletida segundo o acusativo \*diēm (cf. sanscr. दियम्, gr. διήμ ), de \*diēns. A semivogal ei antes de -s por ser o segundo elemento <sup>de um diftongo</sup> o primeiro longo. De \*diēns, entretanto, se originou diūs, que se usa na expressão tertiūs tertius (τριήμερον) "agora é o terceiro dia". O resto da declinação de diūs deu os casos oblíquos do genitivo: \*diēns diūs, diūsi diūs, etc. Do

nomes como que diēs, ( diēs uma forma recente segundo o acusativo \*diēi, de diēs: (cf. sans-  
cr. diem).

**VOGALISMO** - Uma das duas declinações do nominativo.

**Acusativo** - Este caso tem por desinências -g: diē-g, diē-g. Já se disse acima que foram os acusativos \*diēm e \*diēm, que serviram à formação de diēs e diēs. Nos nomes de tema sigmático, perdeu-se a noção de que -g era o elemento final do tema (cf. ius, iuris) e foi tomada como tal o -s-, a exemplo dos outros nomes da declinação, ao qual então ~~se~~ se juntou a desinências -s: diēs-s, diēs-s. Todavia há exemplos de spēs-s, (ac.), spēs-s (na pl.), em que o -g- do tema se acha representado pelo -p-, conforme repara na fonética latina (cf. Alas, Alas, nos, nos).

**GENITIVO** - A língua arcaica tinha um genitivo sigmático, a exemplo da primeira declinação. Há vestígios de sua existência em alguns autores: diēs em Am., 413, diēs em Claudius Claudius. (Ver Aulo Gélcio, Noct. Att., IX, 14) e diēs em Lucretius, em cujo tempo devia ser um arcaísmo (Hor. Sat., IV, 1069). A propósito do genitivo em -g, diz o gramático Varro: "Veteres in hac specie declinationis genitivum singularem similiter nominativo dicebant. Unde invenimus in quibusdam "Pomicios" pro "Pomicioi" ut sit "hac nomine diēs huius Pomicios", "hac luxurios huius luxurios". Et cetera eiusmodi similiter declinabantur." (I, 31, 2). Tais formas, entretanto, desapareceram cedo, superadas pelo genitivo dos temas em -s/-g-, <sup>o/ta</sup> como na primeira declinação. Da união da desinências -s- daqueles temas com a vogal tônica final desta declinação resultou a terminação \*diēi, cuja evolução foi a seguinte: \*diēi > diēi > diēi > diēi.

Informa-nos Aulo Gélcio que o genitivo usado em seu tempo era em diēi, mas que na época republicana a forma empregada era em diēi: acti, diēi, faci, feni, pernicii, progeni. In Cicero ocorre pernicii (Hor. Rose., 131), que os manuscritos corrigem para perniciō. Alas, ora esta a terminação que preservava César para o genitivo dos temas em -s, segundo o testemunho de Aulo Gélcio: "sed Q. Caesari in libro Analoria secundo "huius diē" et "huius species" diēi putat." ( Noct. Att., I, 1). Arnout, procurando explicar a razão do genitivo em -s, aconselhado por César, pergunta: "Será uma forma fonética, saída de \*diēi, com abreviamento do -s- final e perda do segundo elemento do ditongo de primeiro longo (cf. o dat. de Fortuna, citado mais acima 17) ou <sup>v. n. s.</sup> forma analógica pela qual César substituiu diēi para restabelecer o paradigma -s do nominativo?" E conclui: "É impossível decidir". (Monial., p. 69). Há <sup>exemplos</sup> desse genitivo na literatura: diēi em Salustio (Aug., III, 2) e em Vergílio (Georg., I, 203), diēi em Plauto (Amph., 276; Sent., 464), acti em César (Coll. Afric., II, 7).

Em conclusão, várias formas foram usadas para indicar o genitivo de diēs, diēs e diēs, como vemos a seguir:

a) diēs:

gen.: diēs (Am., 413; S. A. T., III, 14). É possível que es

teja representado no primeiro elemento do composto Diespiter  
"pai do Deus". (Ver Arto Gólio, *Inst. Arb.*, I, 12, 5).

*diēs* (Verg., *Ge.*, II, 156; *Var.*, *Lat.*, I, 9, 35)

*diē* (Cic., *Orat.*, 600; Verg., *Ge.*, I, 336)

*diē* (Pl., *Terent.*, II, 53; Verg., *Georg.*, I, 203)

b) *diēs*:

*diēs* (Cic., *Orat.*, 121; *Arto Gólio*, *Inst. Arb.*, II, 112)

*diēs* (Pl., *Terent.*, 323, 454; *Var.*, *Lat.*, 452)

*diēs* (Cic., *Orat.*, 692; *Var.*, *Lat.*, 304)

*diēs* (Pl., *Terent.*, 35; *Lucr.*, *Inst. Arb.*, VI, 35)

c) *diē*:

*diē* (Cic., *Orat.*, 121; *Arto Gólio*, *Inst. Arb.*, 336)

*diē* (Cic., *Orat.*, 308; *Pl.*, *Terent.*, 117)

*diē* (Cic., *Orat.*, 105; *Pl.*, *Terent.*, 56)

*diē* (Cic., *Orat.*, 1002; *Pl.*, *Terent.*, 11, 5042)

*diē* (Pl., *Terent.*, 617; *Var.*, *Lat.*, III, 341)

Nos declinações de terminação -e, a terminação -e do genitivo é rara, aparecendo em geral em -e: *geni*, *abst*. De *diē* há um genitivo *diēs*, que é empregado na expressão *geni diē* "do noite e do dia". A forma *diē* é um antigo locativo, sendo de *diē*.

NOTA 6 - A distinção deste caso é -e, que provém de *diē* (Arto Gólio) *diē*. São raros os dativos dos nomes abstratos de terminação -e. Na prosa quase não aparecem. Na prosa e na língua coloquial, recorria-se à forma dos nomes de terminação -e: *barbariae* (Cic., *Ep. Hort.*, XVI, 54), *cruciatibus* (Cic., *Att.*, VIII, 21), *placitatione* (Plin., *Ep.*, II, 37, 38). Para os de outro tipo, são usados dativos em -e: *labell* (Cic., *Ep. Hort.*, VIII, 20), *sub* (Pl., *Terent.*, I, 124). Segundo Arto Gólio, era esta última forma a preferida pelos puristas: "in eorum dandi qui purissimae locuti sunt, non *labell* sed *labell* dixerunt" (*Inst. Arb.*, IX, 14, 21). Como na primeira declinação (-a), o dativo *diē* do dativo parece ter sido sempre impossível. A partir de Lucrécio, entretanto, se nota a tendência para o seu dativo *diē* (*Lucr.*, *Inst. Arb.*, I, 988; VI, 296), *diē* (*Var.*, *Lat.*, III, 37), *geni* (Cic., *Orat.*, 121) e *diē* (Cic., *Orat.*, V, 64). Na época imperial, ocorre o dativo -e *diē* com I longo: *diē* (Cic., *Orat.*, VI, 143), *geni* (Cic., *Orat.*, I, 1, p. 243).

NOTA 7 - O ablativo é formado por analogia com os termos em -e/-a. Entretanto, não há exemplo de forma *diē*. Sempre que é necessário nos inscrições mais antigas, usa-se o dativo *diē*: *diē*. A forma *diē* é documentada numa forma com -e: *diē* "noite".

## PLURAL

|                  |               |
|------------------|---------------|
| M. <u>diēs</u>   | <u>diēs</u>   |
| V. <u>diēs</u>   | <u>diēs</u>   |
| A. <u>diēs</u>   | <u>diēs</u>   |
| G. <u>diērum</u> | <u>diērum</u> |
| D. <u>diēbus</u> | <u>diēbus</u> |
| A. <u>diēbus</u> | <u>diēbus</u> |

São poucos os nomes desta declinação que declinam no plural. Alguns só têm neg. se unidos os casos terminados em -is, isto é, o nominativo, vocativo e o acusativo: ociūs, faciūs, speciūs, spūs. Outros, porém, não são usados no plural, como os abstratos: barbariūs, conitiūs, scantiūs; ou, se o são, em poucas formas em -is: averbiūs, blanditiūs, duritiūs. Diēs e riēs são os únicos que declinam em todos os casos do plural. A existência de temas em -i- e -i- trouxe certo confusão e a separação de duas flexões da quinta, cujos nomes foram pouco usados, e a sua incorporação na primeira de oblição, no latim vulgar.

NOMINATIVO - O final -is deste caso resulta de \*-iēs por contração, em que a diátonica -i- se liga à vogal tônica final. Assim, riēs provém de \*-riiēs, em que -i- da semi-vogal (cf. sanscr. riyag). O plural diēs não se assenta em \*-diēs, que deveria dar \*diōyag ou \*diōyag, mas decorre da analogia com riēs. Spūs é um antigo nome sigmático, o que explica a existência do plural spūs, usado por Enio (Ann., 126, 429). Deu, porém, Quintiliano confessar ignorar qual seja o plural de spūs, prova cabal de que a um tempo essa nome não era empregada no plural. (Ver Inst. Orat., I, 6, 26).

VOCATIVO - Tem a mesma terminação do nominativo.

ACUSATIVO - A diátonica -i- se liga à vogal tônica final, dando \*-iēs, de que se originou riēs com perda do -i- antes do -s. Diēs provém de \*-diēs através de \*-diēs. Diēs é formado por analogia com riēs.

GENITIVO - A diátonica -i- desta caso resulta da analogia com a dos temas em -i-: diērum, riērum. A forma speciērum é atestada por Prisciano como tendo sido empregada por Cató (Q. L., II, 363 E). Nos escritores da Medievalidade, aparece speciērum (Apul., Mem. Plat., I, 6; Ann. Marc., 331X, 536; Augustin., Trat. p. l. g., XXI, 42), e spūs (Dea., Evag. Constant. Aug., IV, 3). Cícero ignora a existência do genitivo e oblativo plurais de speciūs (Top., II, 30). Os gramáticos latinos com fundamento no dativo e oblativo -iēbus, criaram um genitivo em -iērum por analogia com o de temas em -i-. Se o dativo e oblativo em -iēbus correspondia um genitivo plural em -iērum na Medievalidade, o dativo e oblativo em -iēbus dos nomes de tema em -i- devia corresponder, do mesmo modo, um genitivo plural em -iērum: diērum, riērum, spūs, speciērum. (Ver Lat., I, 384). Gravé, porém, afirma que essa forma não se acha documentada em nenhum texto, o que é de certa maneira reconciliado pelo próprio gramático: "a ansuetudo de "diērum" est at speciērum".



DATIVO - ABLATIVO - A designação de estas coisas é -bus, análoga à dos temas  
 -us; -ibus, -ibus. Em outras de concordância, se ora: quibus (Apul., Aggl., IV,  
 289; Tert., Spect., 18), quibus (Paul. & Nol., Opus., XVIII, 243) e quibus, atribuído a  
 Varro por Non. (V. r 16; 21 - LVL, 24). Já foi dito que Cícero afirmava não reconhecer as  
 formas quibus; quibus.

.....